

OVERBOOKING

Lá, os homens são bons, vão à missa aos domingos e estão inscritos na lista do trabalho comunitário, que o fazem cumprindo cada um o seu turno, mas eu tenho uma coisa má para contar. As mulheres são boas, ainda melhores do que os homens, porque elas nunca estão sozinhas, elas dão-nos as crianças e por isso falam manso e cozinham, e cantam, e passam a ferro, e trabalham por elas e pelos homens, quando eles não querem trabalhar, mas ainda assim eu tenho uma coisa má para contar. A vila fica a três quilómetros da cidade, pode dizer-se mesmo que a vila já é cidade, de tal forma as casas da periferia encurtam a distância entre uma zona e a outra. E por isso temos cantina, supermercado, dispensário para a tuberculose e para a AIDS, temos cabeleireiro unissexo, e lojas de roupa e de sapatos, e uma pensão à beira da estrada, e mesmo assim eu tenho uma coisa má para contar.

A aldeia, essa, fica a doze quilómetros a norte da vila e a quinze da cidade, e chama-se Kimbalina por causa

do rio. O rio Kimba corre a dois quilómetros para o interior, num curso paralelo à estrada, e o lago com o mesmo nome fica mais a sul, mas para se lá chegar, só tomando a picada. De um lado e de outro é tudo mato, que vai subindo em altura, e perto da aldeia existem mangueiras frondosas. Já lá estavam há mais de vinte anos. Não estava a representação da Missão nem estava o motel que leva o meu nome, nem a luz eléctrica que ilumina a aldeia, a cidade e a vila, formando uma teia de luzes, captadas pelo satélite, que as mostra no Google Maps como se fosse uma estrela, e mesmo assim, eu tenho uma coisa má para contar.

Pois na estrada que vai da aldeia à vila, uns doze quilómetros a direito, mais ou menos a meio, há uma curva. De noite, antes de se chegar à curva, desde há um tempo para cá, começou a surgir um carro com os dois faróis nos mínimos, um carro que avança devagar e, antes de se cruzar contigo, pára. Dele sai uma mulher vestida de azul que vem pela estrada ao teu encontro. Se tu não paras, ela sobe para cima do teu carro e voa sobre ele até chegares à vila. Se paras, ela vem andando até junto de ti, e quando está próxima, entra-te pelo peito, e desaparece. Desaparece dentro do teu peito, e tu não a vês mais. A não ser que voltes no dia seguinte, ou na noite seguinte. Eu explico melhor. De dia tudo se passa como se fosse de noite. Junto da curva há umas árvores de folha rala, e o carro surge por detrás dessa mancha difusa, como se fosse espessa, e vem ao teu encontro, quer vás no

sentido norte, quer vás no sentido sul. A mulher que dele sai, não olha para ti, não te diz nada, não te ataca, apenas aparece, persegue-te e depois desaparece em ti. Não acontece a todos, só acontece a alguns, mas o problema é que, ainda que a figura não seja nítida, eu sei de quem se trata. E saber de quem se trata até é uma coisa boa, mas o que eu tenho para contar é uma coisa má. Não quero fazer jogo de palavras, mas devo dizer que a coisa má começou por uma coisa boa. A coisa boa era o percurso que a irmã Alberta, a enfermeira da Missão, fazia entre a cidade e o interior, passando pela vila e depois pela aldeia onde morávamos.

Para nós era um trajecto muito bom porque a irmã Alberta fazia o percurso numa Renault 4L, levando no banco da frente uma grande caixa branca onde estava desenhada uma pequena cruz vermelha, e lá dentro levava pensos, gaze, comprimidos, compressas, ampolas, seringas, aparelhos para escutar os pulmões, medir a pulsação, o açúcar do sangue, a temperatura do corpo, levava soro e desinfectante, levava vacinas de ataque lento e ataque rápido, e ainda dois ferros para puxar as crianças quando elas ficavam encalhadas na barriga da mãe. Levava tudo o que era preciso para ajudar quem sentisse dores, estivesse à morte, ou quisesse nascer. Para nós, que éramos jovens, o que mais nos impressionava era a boleia que se conseguia obter junto da irmã Alberta.

Aproximava-se a 4L, e o que nós víamos antes de mais nada, através do pára-brisas, eram os dentes da irmã. A irmã Alberta ria por tudo e por nada, e a sua feira de dentes brancos salientes era um sinal de partida para viagem, no seu rosto redondo, de cor dourada. Assim que a irmã via alguém na berma da estrada, muito rota, muito precária, ela parava. Abria a porta e levava consigo mulheres com latas de água que tinham de segurar entre as pernas para não molharem os estofos da 4L. Transportava homens com bordões que saíam pelas janelas, outros que levavam ao colo um porco, uma cabra, muitas vezes, sacos grandes que não cabiam no interior e vinham pendurados por fora dos vidros, fazendo da 4L uma espécie de besta automóvel carregada de volumes redondos. Havia quem lhe chamasse Alberta Chvaitza por causa das histórias que se contavam sobre os feitos ocorridos mais a norte, na localidade de Lambaréné. Outras vezes, eram apenas rapazes que pediam boleia em grupo, e enchiam um habitáculo desenhado para cinco pessoas, com um amontoado de oito e por vezes mais. A irmã Alberta sempre dizia, com jeito tudo vai, assim Deus queira, assim queira a Virgem Nossa Senhora, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mesmo quando a 4L avariava pelo caminho, a irmã Alberta achava que era assim porque Deus queria, a Nossa Senhora queria que se tivesse de chamar um mecânico, ou que aparecesse alguém suficientemente forte para fazer pegar de empurrão. Mãe Maria Santíssima nos acuda, que iremos

sempre chegar a bom porto. Nunca a irmã enfermeira dizia que não, ou se enfurecia, ou praguejava. Ela não dizia cabrão ou porra, não dizia merda, não dizia esse filho da puta. Dizia Nosso Senhor, e dizia Sagrado Coração de Maria. A carrinha 4L surgia, nós pedíamos boleia, no sentido em que ela ia, e ela dava. Era uma coisa boa a 4L andar de cá para lá. Um dia éramos catorze, a maior parte de nós, já rapazes quase homens, de assentos estreitos mas ombros largos, a irmã Alberta vinha do interior, tinha passado pela aldeia, e ia na direcção da cidade. Nós também, e pedimos-lhe boleia. É a propósito dessa boleia que eu tenho para contar uma coisa má.

A coisa má aconteceu nesse dia. Ninguém diria. Ela parou, era pelo meio da tarde. Vinha com mais velocidade do que era habitual, e trazia a cara transpirada. O lenço estava recuado na cabeça, empurrado pelos cabelos espessos onde se viam já uns fios brancos. A máquina guinchou quando ela parou. A irmã abriu os braços, não queria acreditar que tantos ao mesmo tempo lhe pedissem boleia. Na verdade podiam pedir, tinha dito a rir, com o lenço e a cara fora da janela, mas ela é que não podia dar porque a 4L não era uma camioneta, era só um pequeno carro. Nós tínhamo-nos distribuído pelas quatro portas da 4L, mas éramos catorze. Oh! Catorze! Metade pode, a outra metade não, disse, com a viatura a trabalhar. Disse a rir. E a irmã, de braço dourado estendido, onde havia um relógio, contou-nos um a um.

«Uf, meninos! Desta vez não pode ser. Catorze para uma carrinha de cinco lugares? Vá lá, que tenho pressa, decidam quem vai de 4L e quem vai a pé.»

Mas nós éramos catorze e tínhamos acabado de obter uma vitória em campo. Nove golos contra dois, uma desforra nos da cidade, os Fumega, como não havia memória. Nós, os Kimbin. Equipamento não havia, a baliza era feita com paus e rede de pescador, mas havia juiz de linha, e árbitro, e vinte e dois jogadores em campo. Nós tínhamos enfiado nove golos. Mal terminou o jogo, eles apanharam um camião, e nós, ainda não refeitos da vitória, procurámos as mangueiras que ficavam perto do campo e refastelámo-nos de mangas. Até merecíamos que alguém nos celebrasse, mas não havia ninguém a olhar para nós, então, fomos direitos às mangas. Pertencessem a quem pertencessem, nós tínhamos acabado de dar a glória àqueles campos, aquelas árvores tinham estado a olhar para nós, e por certo que nos agradeciam. Se perguntassem às mangueiras se elas nos davam aquelas taças, elas por certo diriam que sim, até que comemos todas as mangas maduras e começámos a comer as verdes. Quatro defesas, três meio campo, três atacantes, um guarda-redes, um treinador, uma mascote de doze anos, e um suplente de quinze. Ao todo, catorze, tínhamos comido as mangas, descascadas com três facas que três de nós sempre traziam no bolso, mesmo quando estávamos em campo. O treinador tinha uma faca Sandokan.

Os catorze em cima do muro que separava o campo do terreno onde se encontravam as mangas. Os mesmos que pedíamos, agora, boleia na 4L para nos dirigirmos à cidade, com a ideia de desfazermos a reputação deles. Treze rapazotes, e um rapazinho, todos a quereremos entrar na carrinha. A irmã Alberta sentada ao volante, a assistir, a rir, a esperar que a realidade demonstrasse que não havia possibilidade de acomodar catorze pessoas num espaço concebido para cinco, quando muito sete, se se abatesse o banco traseiro. Virgem Santa, estão a querer o impossível, dizia a irmã enfermeira e sorria, sorria, muito mais dentes do que olhos, os olhos atrás dos óculos de sol. Uns óculos que ora ficavam mais claros ora mais escuros. Até que a irmã perguntou – «Vocês querem que eu saia?»

Não sei por que razão ela perguntou isso. Sei que a irmã mostrava ter pressa, e perguntou a rir. Não deveria ter perguntado. Éramos catorze e não cabíamos na 4L, mas queríamos que fosse possível, e nós tínhamos acabado de fazer o impossível, e como formávamos uma muralha em torno do carro, não se percebeu quem disse, *saia lá*. A verdade é que alguém disse e a irmã Alberta, apesar da pressa, saiu. Não deveria ter saído. Sempre a rir, a irmã saiu, pôs as mãos na cintura, e ficou a olhar, à espera que a realidade demonstrasse o que a alegria de termos vencido, por nove dois, não deixava admitir. As quatro portas estavam abertas, metade das pernas

fora, metade dentro, o treinador sentou-se no lugar da condutora, tomou a manete das mudanças, rodou e voltou a rodar, e a máquina não andou. Rodou o volante e não andou. Bateu com os pés no acelerador e não andou. Todos se atiraram ao treinador, com grandes gritos de pára, pára. A irmã sorria – «Pois, meus rapazes, vamos, então, ficar todos aqui, se formos pouco inteligentes. Mas nós somos filhos de Deus, somos inteligentes...» A irmã Alberta disse a rir, e o mais novo, a mascote, perguntou – «Olha, porque estás sempre a rir?» A irmã sorriu de novo – «Não deverias tratar-me por tu, tens de respeitar os mais velhos...» O carro estava parado e o guarda-redes enervou-se. Aquela gaja ria de quê? Corrigia o miúdo, porquê? O miúdo tinha razão, quem ri, ri de alguma coisa que faz rir. O que via ela naquela situação que a fazia rir? A irmã continuava a sorrir, e a abanar a cabeça, de braços cruzados, na berma da estrada. Porque ria ela dos Kimbin, os Kimbin que tinham derrotado os Fumega? O guarda-redes exaltou-se mesmo. Ninguém para os fazer passear de camião, ninguém para lhes dar uma taça, ninguém para lhes oferecer uma Coca-Cola, ninguém para lhes dar uma bandeira, nenhum ajuntamento, nada de nada, depois de uma proeza tão grande, e agora só faltava mesmo aquela mulher, ali, a rir deles. Aquela mulher que não era capaz de dar um chuto numa bola. O guarda-redes fechou os olhos de despeito – «Ponha-se já aqui ao volante, e conduza por aquela picada abaixo, antes que seja tarde.» E o guarda-redes

sentou-se dentro da carrinha, ao lado da irmã, a irmã ficou ao volante, muito surpreendida, pois a 4L poderia não andar na picada, e os treze, com grandes gritos, começaram a correr atrás do carro, que os levava ao rio Kimba, não à cidade. O suplente não tinha jogado, corria junto à janela, ao lado do guarda-redes, e gritava – «Cuidado com o Gigi, não nos podemos aproximar...» A 4L descia lenta, os rapazes desciam rápido pela picada fora, no meio do mato quase raso, e depois mais alto, arbustos altos aqui e ali, um grande buraco no meio da picada, e a 4L parada. «Porque não andas?»

A irmã cruzou as mãos sobre o volante e começou a falar muito devagar – «Afinal, para onde vamos? Assim, nunca iremos chegar à vila, quanto mais à cidade. Ora, nós somos inteligentes, Deus fez as nossas cabeças para pensar...» O treinador estava debruçado sobre a janela de onde partia aquela fala da irmã, e sentiu-se desautorizado, ele que tinha treinado para a vitória daquela jornada, ele que tinha a faca Sandokan no bolso, que tinha comido mangas verdes que lhe reboavam no estômago, um sabor a terebintina dos diabos, e ele suportava, todos suportavam, e vinha aquela pessoa, que deixava o carro ir abaixo, dizer aos membros daquela equipa que tinham de ser inteligentes. Ele, a ouvir o comando de uma mulher que não sabia o que era uma bola redonda, a insinuar que ele não era inteligente. Ele que tinha organizado o esquema três, três, quatro, que tinha resultado de forma fenomenal. «Sai daqui, já.»

A irmã Alberta a princípio não se moveu, depois abandonou a carrinha e a chave, e andando às arrecuas, entrou pelo capim dentro, sempre a andar para trás, os olhos em nós, como se nunca tivesse visto a equipa dos Kimbin, até que se virou para o sol que declinava, retirou o rosário de uma algibeira do uniforme azul e começou a rezar.

Nós víamo-la de perfil, no meio do capim, e vê-la provocava imensa raiva, porque ela dizia palavras em voz baixa e tinha os olhos fechados. O que significava que a gaja poderia ficar ali o tempo todo, e se ficasse, e a 4L continuasse metida no buraco, ninguém iria de carro ver o Gigi a passear no rio, e ninguém iria até à cidade desfeitear a reputação dos adversários. O suplente, que tinha subido ao galho de uma árvore de onde pendiam uns frutos pretos, gritou – «Ele não anda pelo rio, ele deve andar lá pelo lago, podemos ir...» O avançado da extrema esquerda que havia enfiado quatro golos, preparado dois, e comido uma manga verde, também gritou – «Descobri! Vamos levá-la a ver o Gigi!» A pé ou de carro? Gritou alguém. Como, se o carro não anda? A pé é que eu não vou. Então estávamos nós naquele dilema, e a mulher que conduzia, em vez de se mexer, encontrava-se no meio do capim a rezar de olhos fechados. «Já sei, vamos nós mesmos levá-la ao Gigi» – disse o guarda-redes, cheio de felicidade, pois ele tinha defendido uns vinte *penalties*, e só havia deixado entrar duas bolas. Ninguém lhe iria ensinar o que deveria fazer. Todos à volta da carrinha parada no meio da picada, com a irmã

Chvaitza a mover os lábios, no meio do capim, como se estivesse preparada para passar ali o resto da vida, impassível. Por que motivo aquela gaja só rezava e ria, e agora tinha os olhos fechados, e não dizia nada? Não encontrava uma solução? Não dizia merda, cu, filhos da puta, porque não dizia? Porque estava ali parada, e nós aos saltos, sem sabermos muito bem se queríamos ir ver o Gigi ou abalarmos já para a cidade para darmos conta da reputação dos Fumega? A gaja agora tinha-se posto de joelhos e rezava, os joelhos no meio das ervas secas, e rezava, sem nos olhar, tinha os olhos fechados, e ria. Por que diabo tinha os olhos fechados? Porque não reagia a gaja, não dizia nada? E nós cheios de cólera, sem bandeira, sem taça, sem uma refeição decente, sem uma garrafa de Coca-Cola, só mangas verdes, roubadas, que tínhamos descascado com a faca Sandokan? E ela, nada, só rezava, não resolvia nada. Quem era ela, afinal? Até uma hora atrás, a irmã era a irmã enfermeira, porque tinha uma caixa branca com uma cruz vermelha, e deslocava-se num carro. Mas agora com a 4L parada no meio da picada, e de joelhos, sem o lenço, que já tinha perdido, era apenas uma mulher de joelhos que rezava, a quem se podia dar um empurrão e deixar estendida, que nem saberia levantar-se como uma pena de galinha, segundo ensinava o treinador. Estávamos todos à volta da mulher que não podia nada. «Despe-te já» – disse o guarda-redes, aquele que mais se tinha destacado durante o jogo, o elemento fundamental. Um dos

avançados, o que só havia metido um golo, e poderia ter metido dez se não fosse aparecerem na frente elementos do clube adversário, disse – «Todinha nua, já.» E a gaja não se movia, não se irritava, não dizia nada, só rezava. Aproximámo-nos cheios de razão, tocámos-lhe e, ao primeiro contacto, queimou, era preciso ser rápido para desfazer aquela queimadura. À segunda aproximação, foi um delírio de prazer. A mulher já não tinha rosário nas mãos, nem óculos, nem lenço na cabeça, nem saia, nem blusa, nem avental, nem cuecas, nem *soutien*, nem meias, nem sandálias, nem relógio de pulso, nem o escapulário, um fio com uma imagem santa, já não tinha nada, e não reagia, só rezava, movia os lábios, e mostrava os dentes alinhados. Agora que a irmã toda nua estava de joelhos, de mãos postas, já nem mulher era, era apenas uma posta de carne a rezar. Mas não ria, ou pelo menos se ria não se notava, pois tinha a cabeça quase no chão, e o traseiro todo para o ar. Uma posta de carne com as fendas expostas ao sol da tarde. Aquilo, agora já não era nada. E era bom de ver como não era nada, como podíamos transformar, por nossas mãos, pessoas em postas de carne. Nós catorze, à volta daquilo que tinha sido uma gaja, transformada em nada. As roupas da gaja em nossa mão, que podíamos agitar, as bandeiras que nos tinham faltado em campo, já ali estavam. O avançado direito, que era um esquerdino formidável, o mais alto, um europeu rosado, encarnado de felicidade, achou que tínhamos de ir até ao fim. Estávamos embriagados de

trunfo, e a nossa taça era uma bola de carne, no meio do capim, à mercê dos nossos chutos, à beira da picada. O esquerdino branco, rosado, vermelho de calor, só dizia que, uma vez que se começa, só se acaba no fim. Mas a mascote apenas tinha doze anos e começou a chorar.

O rapazinho mascote chorava muito alto, como um filhote de hiena desprezado. Chorava altíssimo. Era preciso acalmá-lo. O treinador encarregou-se do assunto. Se ainda não era homem não deveria ter feito parte do *team*. Ok? Aquilo era o seu baptizado de adulto e teria de aguentar, teria de ver tudo. E teria de se calar para a vida e para a morte. Nem que fosse preciso mostrar-lhe a faca Sandokan. A mascote disse que sim, mas não parava de soluçar. Como ainda não tinha suficiente fogo no sangue, não deveria ter vindo. Era um perigo um rapazinho daquela idade participar naquela cena de glória. Alguém estava a ver o Gigi nas margens do rio? Aquele bicho rochedo, manhoso, que se deslocava na água sem ruído nenhum, à espera? Percebia-se que tinha chegado o momento decisivo. Ninguém falava. O Gigi deveria estar lá no lago Kimba, o seu nome significava larva de pedra. Havia então que decidir. O treinador disse – «Não vamos para o rio com ela assim. Lá porque estamos contentes, é preciso ter misericórdia.» Ele tinha na mão a faca Sandokan, e iria ter misericórdia. O treinador disse – «Só que a gaja tem de parar de rezar, senão eu não consigo. Nem a rir nem a rezar. Quero-a muda como o capim.»

E tudo teria acontecido em silêncio se não fosse os soluços da mascote. O garoto estava dobrado de cócoras no meio das ervas, com a cara escondida entre as mãos, soluçando. O guarda-redes sentiu a terebintina assomar-lhe aos olhos. O puto berrava e o treinador não havia meio de ter misericórdia. Ele, que tinha defendido todas as bolas menos duas, pegou na faca Sandokan e disse – «Eu faço.»

Sim, a mascote continuou a berrar. Mesmo quando já não tinha lágrimas, os soluços sacudiam-lhe o corpo por inteiro, e foi assim durante todo o tempo que passámos no capim. E não foi pouco. Sempre a chorar. De tal modo que pensámos que ele iria ser o elo frágil, que em breve iria contar o que vira e aquilo de que participara. Mas não, pelo contrário. Também ele, a mascote, nunca falou do caso. Passaram dois, cinco anos, dez anos, quinze anos, vinte, até agora, e ninguém falou. Na altura, melhor dizendo, naquele mesmo dia, pela noite, no Hospital de Kimban, deram pela falta da irmã, mas em vez de procurarem com ciência, a polícia fez passar os carros-patrolha mil vezes pelas mesmas estradas, sem se meter pelas picadas nem dar uma vista de olhos pelo capim. Na Missão, rezaram. Só descobriram o carro, na picada que descia ao rio, cinco dias mais tarde. Mas a polícia não dispunha de meios para ler as impressões digitais. E a caixa dos medicamentos, com a cruzinha vermelha, lá estava no banco, ao lado. A chave encontrava-se na ignição. O Gigi tinha recolhido ao lago. Só que o facto

de não andar a passear no rio, quando encontraram o carro, não lhe retirava a autoria do acto. A irmã Alberta teria sido levada pela beleza do sol-posto a olhar para o rio, e talvez tivesse saído do carro, ignorando que se tratava de uma zona perigosa. E teria sido colhida pelo animal. Se se tivesse a certeza de que ela havia desaparecido no cumprimento do seu dever missionário, a congregação estava disposta a designar a Missão por Alberta Chvaitza, como era conhecida. Mas na Missão não havia a certeza. Nós todos participámos na composição da incerteza, pelo nosso silêncio profundo, como se nunca tivéssemos visto a irmã, como se não a tivéssemos despedido e preparado o seu corpo. Como se não tivéssemos usado a faca Sandokan. Nada, a nossa boca nunca se abriu, como rapazes que éramos, homens que fomos, que somos. Com o tempo, tornámo-nos criaturas boas, alguns trabalham, outros têm mulheres que trabalham para eles, e são pessoas pacíficas. Alguns, como eu, são empreendedores e dão trabalho aos outros. Mas quando a terra se preparava para esquecer o nome da irmã, e o leito do rio e sua lama se preparavam para esconder no fundo do fundo do lodo o resto da matéria orgânica em que se deveria ter transformado o corpo da irmã, o seu espectro começou a aparecer no meio da estrada, perseguindo-nos em silêncio.

Antes falasse, antes risse, antes rezasse. Antes pedisse explicações. Mas não, ela surge-te na curva da estrada

onde lhe pedimos boleia, o carro tem os mínimos acessos, quer seja dia quer seja noite, e ela vem ao teu encontro, e persegue-te, voando por cima do teu carro, ou vem ao teu encontro até encontrar o teu peito, entra no teu peito e a seguir desaparece, deixando um homem imóvel pregado ao chão, por muito tempo.

Agora eu tenho tudo, tenho três motéis que recebem o meu nome, tenho pessoal que me respeita, ando por toda a parte, visito grandes cidades por causa dos motéis, apanho aviões, falo com gente, sou um homem do mundo, sou um homem bom e, no entanto, tenho para contar esta coisa má. Esta coisa má quer sobretudo ser contada quando estou longe do lugar, quer ser contada a desconhecidos, uma tentação, a tentação de contar. A quem contar? Fico nos aeroportos a olhar para as pessoas, com vontade de lhes falar desta história que aconteceu num tempo e num lugar tão particulares, e nunca encontro a pessoa e o local adequados. Sento-me nos aeroportos, a ver passar gente, e queria ir atrás dessa gente, queria despejar-lhes atrás dos sapatos esta história escondida, partilhada por catorze pessoas, para que a levassem consigo e a enterrassem nos seus quintais, e não encontro quem. Mas esta noite, neste hotel vazio, no meio de nada, nada entre dois aeroportos, território sem barreiras, jantando, na qualidade de *overbooked* de um voo que partiu sem nós dois, achei que poderia contar esta coisa má.

Eis, pois, porque lha conto, enquanto nos trazem a comida paga pelo *voucher*, o quarto pago pelo *voucher*. No meio desta sala sem ninguém, só nós dois, desconhecidos, eu sem saber o seu nome, você sem conhecer o meu. Achei que era o momento para falar daquele dia em que os Kimbin ganharam aos Fumega, em que pedimos uma boleia para catorze, e depois fizemos de uma mulher uma bola com golpes vermelhos, e depois a atirámos ao rio, chamando o Gigi. E a seguir, embriagados pelo nosso poder, corremos até à cidade, entrámos num bairro cantando, e desfizemos a reputação dos Fumega. Está escuro aqui dentro, como se o restaurante do Ermitage em vez de *overbookedes* desconhecidos recebesse casais em estado de namoro. Mal sabem eles de que namoro se trata.

Durante algum tempo, a minha dúvida era esta. Ou abalava para sempre daquele lugar e desfazia-me dos motéis que levam o meu nome, *Motéis Francisco de Kimbalina*, e nunca mais conduziria por aquela estrada, ou regressava à terra e contava o que se havia passado há vinte e dois anos, para que pudessem colocar por cima da porta da Missão o nome de Maria Alberta do Rosário, o verdadeiro nome de Alberta Chvaitza. Neste caso, catorze homens mostrariam a sua nódoa, uns mais do que os outros. Seria muito duro, sim, seria. Deveria? Não sei. Optei pela primeira hipótese. Vender os motéis, partir para longe, e é o que estou a ensaiar com

este voo, onde me puseram em *overbooking*, os cabrões dos vendedores de passagens, esses filhos da puta dos comerciais de aeroporto. Os desgraçados. Logo ser eu o primeiro da lista de dois dos que não entraram no voo. Eu, Francisco de Kimbalina, como sou conhecido enquanto empresário. Sobejei eu, e você, uma lista de dois. Dois que foram metidos num carro e enviados para este hotel no meio de coisa nenhuma, um corredor sem fim, um escuro sem fim, as minhas maletas a rolar pela passadeira sem fim, e a meio do corredor, vinda do fundo, uma mulher de azul, de rosto não nítido, veio ao meu encontro e entrou-me pelo peito. Paralisou-me no meio do corredor.

Entrou-me pelo peito a milhares de quilómetros de distância de Kimbalina, como se estivesse lá, na curva da estrada. Ainda que eu viaje para o fim do mundo, agora estou certo de que ela surgirá de uma curva, ou de uma recta, de qualquer linha geométrica que seja, para vir ao meu encontro e me entrar pelo peito. Neste caso, voltei para trás, vim recolher-me no restaurante do Ermitage, e daqui não saio. Passarei, assim, a noite. Felizmente você estava aqui sentada, como se estivesse à minha espera. Não estava, não sabia que eu existia, mas partilhou a sua refeição comigo, e ouviu-me como se me esperasse. Ouviu-me com tanta atenção que prometo não faltar ao que está combinado, esclarecerei todas as dúvidas que sobejaram do meu relato. E custe o que custar, só direi a

verdade. Não sou só um homem bom, sou também um homem honrado.

Sim, confirmarei.

Se posso avaliar quantos habitantes de Kimbalina já avistaram a mulher de azul? Não posso. Se as posso identificar? Também não posso. Sim, confirmo, eu gostaria que muita gente tivesse visto a mulher de azul. Sim, nenhum dos meus antigos colegas da equipa dos Kimbin contou que a avistou. Não, não me consta nem falei com eles. Como posso explicar? Confirmo, até agora, que eu saiba, só à minha pessoa aconteceu. Sim, é um segredo só meu. Agora é seu também, a pessoa dos aeroportos a quem contei a coisa má. Desculpe, aqui e ali ter distorcido a verdade da coisa má. Achei que seria mais difuso, menos grave, se a aparição fosse colectiva e pública. Uma aparição que aparece a muitos não aparece a ninguém. Uma comunidade é uma realidade humana, mas não é alguém. Compreendo. Não importa, confirmo. Não omito nem minto. Cumpro a minha palavra.

Sim, confirmo também. Desde há cinco anos a esta parte, a figura vem ter comigo sobretudo de noite, no terraço, nos bares, lá onde eu esteja pode surgir a figura. Nas praças, nas estradas. Ela surge em qualquer lugar, quando eu menos julgo vem ao meu encontro, caminha

sem fazer ouvir as suas passadas, aproxima-se e entra-me pelo peito. Não é a primeira vez que ela me assalta quando entro num corredor mal iluminado, como aconteceu aqui, no Ermitage do aeroporto. Não é a primeira vez. Trata-se apenas da confirmação de que está disposta a ir ao meu encontro até no fim do mundo.

Não, isso não confirmo. Nunca foi minha ideia esconder-me atrás da figura da mascote, nunca insinuei que eu era ele. O rapazinho foi a única figura que se salvou, naquele dia. Não só sofreu com o momento, como nunca contou o que se passou. Eu poderia dizer que eu era ele, e assim o meu destino ficaria mais leve. Ser aquele que soluçou durante toda a tarde, ficar-me-ia bem, mas não, não foi assim, eu não fui o inocente, não tinha doze anos, tinha dezassete, não solvei, antes incitei a que ele mesmo olhasse para o fio da faca Sandokan e se calasse para sempre. Hoje, é um homem bom. Faz mandados, transporta caixotes às costas.

Sim, confirmo, eu era um dos dois que menciona. Segundo entendeu, das duas uma. Diz que tem a certeza de que, na cena do capim, eu, ou era o treinador, o que tinha a faca Sandokan, ou era o guarda-redes, o outro, aquele que retirou a faca da mão do treinador, farto do prolongamento do momento de misericórdia sobre a figura do que restava daquilo que, uma hora antes, fora uma irmã da Missão. O guarda-redes, o outro.

Overbooking

Pois já que nesta hora nocturna, no meio deste mar de cadeiras e de mesas postas, sem vivalma que nos ouça, é possível dizer a verdade, então eu digo-a pela primeira vez em voz alta. Eu era o outro, o segundo. Sim, eu tinha comido mangas verdes.

Sim, confirmo, haja o que houver, vou voltar para trás, vou regressar à aldeia de Kimbalina.